



## Unidos por uma Mudança Global: Os Movimentos Sociais e as Redes de Indignação<sup>1</sup>

Leandro ALVES<sup>2</sup>

Julianna FORMIGA<sup>3</sup>

Faculdades Nordeste - Fanor | DeVry Brasil, Fortaleza, CE

### RESUMO

O presente artigo busca analisar os movimentos sociais na Tunísia, Islândia, Espanha e Estados Unidos, expondo as semelhanças entre eles e as suas causas, como o colapso do sistema financeiro mundial, em 2008, e a relação da crise com o esgotamento do sistema político representativo, fruto do conluio entre políticos e banqueiros, que foi, em certa medida, responsável pela indignação popular em alguns desses países. Além do aspecto político e econômico, trabalhamos cada movimento através de suas particularidades e a relação deles com o surgimento de um espaço social híbrido formado pela ocupação dos espaços públicos e de um novo ecossistema de *autocomunicação em massa* nas redes sociais do ciberespaço, unidos a um anseio global por mais cidadania, que serve de base para um novo projeto de democracia participativa desenvolvida pelos movimentos.

**PALAVRAS-CHAVE:** movimentos sociais; autocomunicação em massa; redes sociais; democracia participativa.

### 1. INTRODUÇÃO<sup>4</sup>

A crise de 2008 no setor imobiliário dos EUA revelou ao mundo um esquema fraudulento de enriquecimento ilícito envolvendo políticos e banqueiros. Mas a crise, também, abriu as portas para o surgimento efetivo de um novo espaço social, formado pela ocupação de praças públicas, da tomada das ruas e do exercício direto da cidadania que havia sido deixada nas mãos do políticos, dos partidos, dos especialistas e dos técnicos da burocracia estatal.

Movimentos sociais na Tunísia, Islândia, Espanha e EUA, transformaram a política distante dos parlamentos em sua rotina, utilizando-se do espaço de *autocomunicação em massa* criado pelas redes sociais, tais como o Facebook e o

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no IJ 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 2 a 4 de julho de 2015.

<sup>2</sup>Estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo da Fanor | DeVry Brasil, email: [alvaresleandro10@gmail.com](mailto:alvaresleandro10@gmail.com).

<sup>3</sup>Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da Fanor | DeVry Brasil, email: [juliannaformiga@gmail.com](mailto:juliannaformiga@gmail.com).

<sup>4</sup>Toda a referência da Introdução acerca da crise iniciada em 2007, vem do documentário Inside Job, de 2010, do diretor norte-americano Charles Ferguson.



Twitter, passando ao exercício de um política autônoma, sem o estabelecimento de estruturas transcendentais de poder, verticalizadas e pouco dialógicas, estabelecida nas ruas, nas praças, as *Ágoras* modernas, diluindo as barreiras que aparentemente separavam as zonas dos virtual e do real em mundos distintos e incomunicáveis, resquícios, ainda, de um velho cartesianismo e de uma kantismo quase insuperáveis.

Com isso em mente, buscamos descrever no nosso trabalho esse novo momento dos movimentos sociais no século XXI, a fim de entender como as novas formas de comunicação na sociedade em rede influem na criação de um novo espaço social, a que chamamos de *Espaço do saber*, em analogia ao espaço antropológico homônimo descrito pelo filósofo francês Pierre Lévy, no livro *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*, dominado por um ecossistema pós-midiático de comunicação e experiências alternativas de configuração de novos modos de vida, novas maneiras de ser, de se relacionar com o mundo, onde o capital econômico não governe incontestavelmente em detrimento das relações humanas, do compartilhamento da riqueza social, dos recursos naturais, da bioética, em suma: da vida na terra.

Na primeira parte do nosso trabalho expomos a revolução na Tunísia, primeiro motor da Primavera Árabe, na segunda descrevemos a experiência histórica na atualidade que serve de modelo para as democracias do século XXI, a revolução na Islândia. A terceira e quarta parte do artigo apresentam os movimentos sociais na Espanha e nos EUA, Indignados e Occupy Wall Street, por fim, elencamos as semelhanças entre os movimentos sociais e abordamos o ressurgimento da utopia em um começo de século desesperançoso. O principal referencial teórico deste trabalho é o livro *Redes de indignação e esperança*, do sociólogo espanhol Manuel Castells.

## **2. A REVOLUÇÃO DA LIBERDADE E DA DIGNIDADE**

Em 17 de dezembro de 2010, o vendedor ambulante de 26 anos, Mohamed Bouazizi, em um ato de desespero contra as extorsões e proibições praticadas por agentes do governo de Ben Ali ao seu negócio de vendas de frutas e verduras na Tunísia, ateou fogo no próprio corpo em frente a um prédio do governo. O primo de Bouazizi, Ali, filmou o ato e lançou na internet. Após isso houve várias autoimolações semelhantes a de Bouazizi pela Tunísia, junto com uma onda de protestos que tomaram



conta do país. O martírio de Bouazizi seria o estopim para o que ficou conhecido como Primavera Árabe.

Em pouco tempo, a polícia havia matado mais de 147 pessoas, sem contar as centenas de feridos. Até que em 12 de janeiro de 2011, oito dias após a morte de Bouazizi em um hospital na cidade de Ben Aros, o general Rachid Ammar, desobedeceu uma ordem de Ali e se recusou a abrir fogo contra os manifestantes. Sem o apoio do exército e dos franceses que serviam de base para seu governo desde 1987, ano em que chegou ao poder, Ali abandonou o país rumo à Arábia Saudita.

Após a saída de Ali do poder, os manifestantes criaram força e passaram a lutar pela saída de todos os representantes do antigo regime, que ainda ocupavam altos cargos no governo, pela liberdade política e de imprensa, além de exigirem uma nova eleição no país com base em um processo eleitoral mais democrático. Segundo Castells, os manifestantes

Continuaram gritando "Degage! Degage!" ("Fora!") para todos os poderes constituídos: políticos corruptos, especuladores financeiros, policiais violentos e mídia subserviente. A difusão em vídeo dos protestos e da violência policial pela internet foi acompanhada de convocação à ação nas ruas e praças das cidades de todo o país, começando nas províncias centro-ocidentais e depois atingindo a própria Túnis (CASTELLS, 2013, p. 29).

Em 2011 os manifestantes ocuparam a praça do Gouvernement, localizada em Kasbah, onde ficam a maioria dos ministérios. Os ativistas passaram a se organizar de maneira transversal, sem o estabelecimento de lideranças, discutindo em fóruns o futuro da Tunísia. Questões como democracia, educação, o papel da religião islã na política, descentralização do poder econômico no clã Trabels, da segunda esposa de Ben Ali, que havia sido exposto em documentos vazados pelo WikiLeaks por praticar negócios ilícitos, tornaram-se temas centrais nas pautas de discussão. Os debates eram filmados e divulgados pela internet. Conforme Castells

A conexão entre comunicação livre pelo Facebook, YouTube e Twitter e a ocupação do espaço urbano criou um híbrido espaço público de liberdade que se tornou uma das principais características da rebelião tunisiana, prenunciando os movimentos que surgiram em outros países (CASTELLS, 2013, p. 29).

Os acampantes chegaram a ser expulsos pela repressão policial, mas retornavam a praça. Apesar de haver a presença de classes profissionais e dos sindicatos, houve uma



preponderância de jovens desempregados com diploma de ensino superior. De uma maneira geral, os manifestantes lutavam por liberdade e dignidade e os fatores que contribuíram para o sucesso da revolução, apesar do processo de democratização na Tunísia ainda está longe do final, foram as coberturas realizadas pela internet e pela TV Al Jazeera. O sistema criado por jornalistas, ativistas, Al Jazeera e internet, possibilitou um processo intenso de *feedback* comunicacional que impulsionou a revolução e seus apoiadores em redes on-line e off-line formadas por manifestantes, familiares, amigos, blogueiros e até torcidas organizadas.

Houve uma relação simbiótica entre jornalistas, cidadãos utilizando seus celulares para carregar imagens e informações no You Tube, e a Al Jazeera, usando feeds por eles enviados e depois transmitindo-os a população em geral (40% dos tunisianos de áreas urbanas assistiam a Al Jazeera, já que a televisão oficial fora reduzida a uma primitiva ferramenta de propaganda). Esse elo entre Al Jazeera e internet foi essencial durante as semanas das revoltas, tanto na Tunísia quanto em todo o mundo árabe (CASTELLS, 2013, p. 33).

A Al Jazeera chegou a desenvolver um software que facilitava a postagem de vídeos dos manifestantes, na prática a ferramenta conectava os celulares dos ativistas diretamente ao satélite do veículo de comunicação.

Entre os fatores para as manifestações na Tunísia estavam problemas de ordem social, econômica e política, como extrema desigualdade, violência policial, ausência de democracia, cerceamento da liberdade de expressão e a corrupção entranhada na estrutura política do Estado. Somado a todos esses fatores, a alta difusão da internet, dos celulares, dos blogs que ajudam a espalhar notícias das manifestações e convencem os seus seguidores a se engajarem nelas, unidos ao sentimento de revolta e indignação representados na autoimolação de um jovem como Bouazizi, que desde os 10 anos de idade trabalhava nas ruas para sustentar a sua família, e como se já não bastasse essa situação, ainda tem o seu meio de vida retirado pelas autoridades policiais por se recusar a pagar propina.

Após quase um ano de luta por democracia e implementação de uma imprensa escrita, a Tunísia realizou eleições em 21 de outubro de 2011. O Ennahad, de tendência moderada, passou a ser a principal força política do país e o intelectual e islamita Rached Gannouchi foi eleito primeiro ministro.

### **3. A REVOLUÇÃO NA ISLÂNDIA**



Em 15 de setembro de 2008 noticiários do mundo todo divulgaram a falência do banco de investimentos Lehman Brothers Headquarters e da AIG, dando início a crise financeira global que levou a queda das bolsas de valores da Ásia, tendo como consequência 30 milhões de desempregados.

A Islândia, uma economia estável, com uma população de 320 mil habitantes e um produto interno bruto anual de 13 bilhões, foi o primeiro país a ser atingido fortemente pela crise.

Até o ano de 2000 a economia da Islândia estava bem estabelecida, mas o governo começa uma série de medidas desregulatórias que visavam permitir a entrada da Alcoa no país, uma das três gigantes globais no mercado de produção de alumínio, para explorar as suas fontes de energia geotérmica. Por conta dessas medidas, o governo privatizou os três maiores bancos da Islândia: Íslandsbanki, Kaupping, Glitnir. Após isso, a especulação assolou a economia do país, já que os três bancos, que nunca haviam atuado fora da Islândia, contraíram empréstimos no valor de 100 bilhões de dólares. De 2000 a 2007 os bancos inflaram suas finanças em 800%, o aumento fictício do dinheiro alavancado através da tomada de empréstimos, criação de fundos, venda de crédito imobiliário, foi maqueado por um rede de firmas em contas offshore e concessões de empréstimos a políticos islandeses, além do financiamento de campanhas eleitorais de partidos. No período de oito anos, o preço dos imóveis dobraram de valor, assim como as dívidas no país.

Aos poucos a realidade foi sendo desvelada e o teatro bancário aberto ao público. Para se livrar da crise os bancos criaram contas que prometiam lucros extraordinários para quem fizesse depósitos nelas, os Icesave foram um verdadeiro sucesso, já que a Islândia pertence à Área Econômica Europeia (EEA), e permutaram uns com os outros as suas dívidas contraindo empréstimos entre os três bancos devedores, o esquema fraudulento ficou conhecido como “cartas de amor”. Quando os bancos quebraram em 2008 o desemprego aumentou três vezes no curto período de seis meses. Em todo esse processo a única coisa que o Banco Central islandês fez foi aumentar suas reservas em moeda estrangeira e comprar 75% das ações de um banco falido, o Glitnir, após o pedido de socorro do mesmo.

As medidas não surtiram efeito, o sistema quebrou e os três bancos deixaram uma dívida de US\$ 25 bilhões. A crise foi a gota d’água para a “Revolução das Painéis”



e como diz um ditado islandês “não se pode passar muito tempo sentado na ponta de um pico”. Em 2008, o cantor Hordur Torfason passou uma semana em frente ao Parlamento islandês (Althing) cantando a sua revolta contra a situação na Islândia. Enquanto Torfason protestava não houve muitas pessoas que se juntaram a ele, porém, alguém fez um vídeo do ato e lançou no YouTube, em pouco tempo as pessoas começaram a ocupar a frente do prédio de Althing e protestar contra os banqueiros, a omissão dos políticos em relação a eles, o desemprego gerado com a crise e as ameaças de despejos que vinham sofrendo pelos bancos.

O local físico, a forma material, escolhido pelos manifestantes para se indignarem foi a histórica praça de Austurvollur e as redes sociais (Facebook, Twitter, Flickr), a forma virtual. Em 2009 milhares de manifestantes se reuniram em frente ao Parlamento, no primeiro dia de trabalho dos políticos depois das férias, e enquanto batiam em panelas e frigideiras e gritavam frases de efeito contra a corrupção dos políticos e dos bancos, atiraram ovos, tomates e outras coisas nos parlamentares. A repercussão do ato fez com que o movimento na Islândia ficasse conhecido como a “Revolução das Panelas”. Segundo Castells

Os manifestantes exigiam a renúncia do governo e a realização de novas eleições. Além disso, também pressionavam pela refundação da República, que se tornara corrupta, em sua visão, pela subordinação de políticos e partidos à elite financeira. Assim, pediam a elaboração de uma nova Constituição para substituir a Carta de 1944, documento temporário redigido na época da declaração de independência da Dinamarca ocupada, mantida em vigor porque favorecia os interesses da classe política (atribuindo peso desproporcional As conservadoras provincias rurais). (CASTELLS, 2013, 40).

Em resposta a manifestação o Parlamento antecipou as eleições. Nas urnas os dois principais partidos conservadores que se alternavam no poder desde 1927 foram derrotados. Parlamento foi assumido pela coalização formada pelos partidos social-democratas e “verdes e vermelhos”, tendo à frente da coligação a recém eleita primeira-ministra Johanna Sigurdardottir, a primeira política homossexual assumida a ocupar o cargo.

As ações tomadas pelo novo governo foram na contramão da União Europeia, FMI e das políticas conservadoras, Sigurdardottir nacionalizou os três bancos responsáveis pela crise no país, sendo que dois deles voltaram a iniciativa privada e passaram a ser geridos por um fundo comum, tendo a participação do Estado. Os



islandeses tiveram suas poupanças reparadas pelo governo e, devido ao presidente Olafur Grimson, foi realizado uma consulta, por meio de referendo, a população para decidirem sobre o futuro da dívida deixada pelos bancos e políticos. 93% dos islandeses votaram pelo não pagamento da dívida e, apesar de inúmeros processos judiciais de bancos do Reino Unido e da Holanda devido ao calote, o governo entrou com processo judicial contra os bancos e levou o ex-primeiro-ministro, Geir Haarde, ao tribunal para responder pela “má administração” do dinheiro público e favorecimento ilícito aos setores culpados pelas adversidades no país.

Apesar do alarme mundial sobre as possíveis perdas geradas pelas medidas tomadas pela Islândia, a economia do país voltou a crescer, o desemprego diminuiu e a inflação foi controlada. Priorizando os seus cidadãos ao invés do pagamento da dívida e do financiamento aos bancos como sugere a UE, e investindo esse dinheiro para recuperar a economia do país, a Islândia superou a crise enquanto outros países da UE permanecem nela. Mas as ações tomadas pelo novo Parlamento não foram apenas de ordem econômica, a revolução seguiu pelo sistema político.

A crise de representatividade que se abateu pela política mundial nos últimos tempos iria encontrar uma resposta na pequena ilha situada no Oceano Atlântico Norte. A fim de garantir a participação mais direta das pessoas no processo democrático, o Parlamento convocou uma Assembleia Nacional com mais de mil pessoas do povo e decidiram, depois de 2 dias de discussão, criar uma nova Constituição. Para tal foi eleito um Conselho da Assembleia Constitucional (CAC), composto por 25 membros da população (sem nenhum vínculo político e partidário), e apesar de anulado pela Suprema corte o Parlamento usou do seu direito para fazer com que os 25 membros eleitos estivessem a frente na elaboração da nova Constituição, onde a internet teve um papel fundamental na participação e engajamento de todos os cidadãos nesse processo. Como escreve Castells

O Facebook foi a plataforma básica do debate. O Twitter foi o canal utilizado para relatar o progresso do trabalho e dirimir dúvidas dos cidadãos. YouTube e Flickr foram usados para estabelecer uma comunicação direta entre cidadãos e membros do Conselho, assim como para propiciar a participação nos debates que ocorriam por toda a Islândia (CASTELLS, 2013, p. 43).



O *crowdsourcing* descrito por Castells serviu de base para a elaboração da nova Constituição islandesa e fez com que ela fosse conhecida por *wikiconstituição*. O texto final foi aprovado por  $\frac{2}{3}$  do islandeses e se tornou na maior inspiração para as democracias no século XXI, pois na prática apresenta soluções para os problemas enfrentados por elas na atualidade. O texto garante a transparência nas contas públicas, limita o poder dos partidos, estabelecendo um número de mandatos para os políticos e dá autonomia as pessoas para participarem da política, de modo que os eleitores podem escolher votar em partidos ou em candidatos independentes. A utilização dos recursos naturais é colocado nos termos da sustentabilidade, garantindo o direito a natureza das gerações futuras. De um modo geral, os islandeses provaram que a democracia pode ser reinventada e não precisa estar sujeita aos limites impostos pelas constituições, pelos partidos políticos subservientes aos interesses de uma elite financeira e pelas manipulações de uma mídia marcada pela ótica das elites.

#### **4. OS INDIGNADOS NA ESPANHA**

Em 2011 a eurocrise atinge o seu ápice na Espanha com 22% de desempregados, sendo 47% pertencentes a população jovem com diploma de ensino superior. Apesar dos graves problemas sociais enfrentados pelo país, o governo socialista, pressionado pelo FMI e pela Alemanha de Angela Merkel, adota medidas impopulares e corta os gastos públicos em saúde, educação e serviços sociais. Apesar da crise ter sido gerada por empresários e banqueiros, diferentemente da Islândia, a classe política espanhola não toma nenhuma medida severa contra o jogo sujo praticado por eles, fazendo com que o povo arque pela crise financeira gerada pela setor. Com isso, os políticos passam a ser vistos pela população, principalmente entre os mais jovens, como aliados dos sistema financeiro.

Devido a crescente desconfiança, jovens passam a debater política na internet e se articulam em torno de uma página no Facebook “Plataforma de Coordenação de Grupos Pró-Mobilização Cidadã”. Entre os participantes jovens pertencentes a grupos de hacktivism e políticas alternativas, como o Anonymous e Nolesvotes, inspirados em lutas pela Europa contra os impactos sociais negativos da crise financeira, a má administração praticada pelos políticos europeus e impulsionados pelo sucesso da Revolução das Panelas na Islândia. A página no Facebook avançou para uma plataforma





de debate e ação política denominada Democracia Real Ya. O grupo organizou manifestações por toda a Espanha, mobilizando centenas de pessoas sob o slogan “Democracia Real Ya! Ocupe as ruas. Não somos mercadorias nas mãos de políticos e banqueiros!”, e lançaram o seguinte manifesto.

Somos pessoas comuns. Somos como vocês: pessoas que se levantam de manhã para estudar, trabalhar ou procurar emprego, pessoas com famílias e amigos. Pessoas que dão duro todo dia para viver e proporcionar um futuro melhor a todos os que nos rodeiam. ... Porém, neste país, a maioria da classe política nem sequer nos escuta. Suas funções deveriam ser levar nossa voz as instituições, facilitando a participação política cidadã e procurando o maior benefício para a sociedade em geral, e não enriquecer as nossas custas, atendendo apenas as ordens dos grandes poderes econômicos e mantendo uma ditadura partidocrática. ... Somos pessoas, não mercadorias. Não sou apenas o que compro, por que compro e para quem compro. Por todos esses motivos, estou indignado. Acredito que posso mudar. Acredito que posso ajudar. Sei que unidos nós conseguimos. Venha conosco. É seu direito (CASTELLS, 2013, pp. 91/92).

O manifesto lançado basicamente no Facebook e no Twitter, não obteve nenhuma resposta de partidos políticos, sindicatos ou da mídia. No entanto, no dia 15 de maio centenas de pessoas saíram as ruas e manifestaram sua indignação contra a democracia representativa, o sistema financeiro mundial, a classe política e pedindo por mais democracia. Em Madri, após as manifestações, os ativistas se reuniram na Praça Puerta del Sol e passaram a noite inteira debatendo sobre o sentido de “democracia real”, nascia ali os acampamentos. Em pouco tempo o movimento se espalhou por mais de cem cidades espanholas e mais de oitocentas cidades em todo o mundo seguiram o seu exemplo. Sem o estabelecimento de lideranças, organizados através de assembleias criadas para resolverem os problemas de gestão do dia a dia; água, alimentação, instalações sanitárias, e os problemas políticos enfrentados por nossa era. Depois de debaterem nas assembleias, os manifestantes articulavam comissões livres e auto-organizadas onde todos têm voz e direito de se auto-representar, de decidir o que fazer e como fazer.

Como explica Lévy, há três grandes tipos ideais de coletivos humanos que se agruparam ao longo da história e formaram laços sociais em cada época específica, de acordo com as demandas antropológicas presentes em seus respectivos períodos históricos.



Podemos distinguir três grandes tipos ideais em meio à variedade de tecnologias políticas. As famílias, os clãs e as tribos são grupos *orgânicos*. Os Estados, as instituições, as Igrejas, as grandes empresas, assim como as “massas” revolucionárias são grupos *organizados*, molares, que passam por uma transcendência ou exterioridade para se constituir e se manter. Enfim, os grupos *auto-organizados*, ou grupos moleculares, realizam o ideal da democracia direta nas enormes comunidades em situação de mutação e desterritorialização (LÉVY, 2011, p. 57).

Unida ao ideal de auto-organização está a experiência da sociedade em rede, a liberdade inerente a ela. As TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação Social), em si mesmas, não levam a uma revolução social, mas a configuração desse novo ecossistema de comunicação, a *autocomunicação em massa* propiciadas por elas, unidos a uma forte mensagem de renovação política em um contexto marcado por uma profunda crise social, propiciaram o surgimento dos Indignados. Jovens desempregados com ensino superior, que se articularam no espaço híbrido criado em torno da ocupação dos espaços públicos e das redes sociais: Facebook, Twitter e YouTube, como explica o criador do Democracia Real Ya, Javier Toret, o que caracterizou o movimento foi a capacidade de auto comunicação de massa e de auto-organização on-line (CASTELLS, 2013, p. 98), ou seja; a inteligência coletiva.

O movimento 15- M posicionou-se contra a existência de intermediários, fossem estes políticos, midiáticos ou culturais. Ele ataca diretamente a ideia de que alguém tem de fazer as coisas por mim. Essa é uma mudança de paradigma na relação entre cidadão e governos, sindicatos, órgãos de mídia (TORET apud CASTELLS, 2013, p. 99).

Em relação as medidas políticas defendidas pelo movimento estavam o combate a corrupção dos bancos, a nacionalização dos mesmos, a taxação das grandes empresas e dos ricos em oposição aos cortes orçamentários impostos pelo FMI e pela Alemanha para a saída da crise. Para o 15M, na Espanha, assim como na Islândia, os banqueiros deveriam pagar pela crise, não o povo, como queriam o FMI e a Alemanha. E apesar de não haver consenso em relação as pautas defendidas pelo movimento, no fundo, como expressa Castells, o que o 15M e a recente história da crise financeira demonstraram é que “(...) eleições e partidos são inúteis e irrelevantes para defender os interesses e os valores dos cidadãos” (CASTELLS, 2013, p. 102).

Como o movimento não tem por base a criação de estruturas transcendentais que norteiem os seus participantes de cima para baixo, de maneira verticalizada, o



movimento não se preocupou em estabelecer um programa específico como um partido político, mas através dos termos utilizados pelos seus participantes podemos traçar uma cartografia sógnica do ideal almejado pelo 15M. De um modo geral, o movimento se articulou em torno de um ideário comunitário, onde as decisões fossem tomadas em conjunto, respeitando a vontade e a opinião de cada cidadão, decididas através de assembleias, sem lideranças - na sociedade em rede não há mais sentidos representações hierárquicas de poder -, tendo uma participação direta de cada cidadão, sem o uso da violência, em tempo real, sem uma teleologia monetária, mas baseada no agenciamento de subjetividades, sem violência, sem medo e desenvolvida no dia dia das pessoas, não nas demandas do capital (CASTELLS, 2013, pp. 104/105). Como escreve Castells

(...) o discurso do movimento expressa a ascensão de uma nova cultura econômica e política - uma cultura econômica alternativa, que nossa equipe de pesquisa estudou em Barcelona entre 2009 e 2012. Expressa-se em práticas de vida cotidianas que enfatizam o valor de uso da vida sobre o valor comercial, e que estão engajadas em autoprodução, cooperativismo, redes de trocas, moeda social, ética bancária e redes de solidariedade recíproca (CASTELLS, 2013, p. 105).

Podemos resumir o objetivo do movimento como a transformação do processo político de uma democracia representativa para uma democracia participativa. Nos acampamentos os jovens esboçaram um pouco dessa ideia. Mas a verdadeira revolução efetivada pelo movimento foi no nível da consciência dos seus cidadãos, uma mudança de ordem subjetiva de que uma alternativa política ao projeto atual é possível.

## **5. OCCUPY WALL STREET: OS 99% CONTRA OS 1%**

Barack Obama foi eleito em 2008 com a promessa e esperança de fazer profundas mudanças sociais na sociedade norte-americana, mas com o agravamento da crise e as dificuldades impostas pelos republicanos as suas reformas políticas, Obama recuou. Para mitigar ainda mais as esperanças dos norte-americanos, Obama resolveu salvar o setor financeiro responsável pela crise mundial com dinheiro dos contribuintes, sob o argumento de que se não socorresse os bancos a população pagaria ainda mais pela crise financeira, era o estopim. A princípio foi criado o movimento Tea Party, que canalizou as queixas dos cidadãos norte-americanos, mas quando se soube que o Tea Party era financiado pelas Indústrias Koch e pelo partido Republicano, a maioria das



peças abandonaram o movimento. Até que os ventos das mudanças sopraram do Oriente Médio.

O eco das revoltas árabes foi amplificado pelas notícias provenientes da Europa, em particular da Espanha, propondo novas formas de mobilização e organização, com base na experiência da democracia direta, como maneira de aprofundar a demanda por uma verdadeira democracia. Num mundo conectado ao vivo pela internet, cidadãos comprometidos ficaram imediatamente a par de lutas e projetos com os quais podiam se identificar (CASTELLS, 2013, p. 123).

A campanha de Obama havia inspirado muito mais do que esperança na população e nos ativistas pró Obama, havia lhes ensinado a se mobilizarem na rede. Quando as imagens das mobilizações gregas e espanholas se espalharam pelo mundo, diversos ativistas viajaram para a Europa a fim de beberem da fonte da *new wave* revolucionária das acampadas. Lá se inspiraram nos acampamentos de Madri, no 15M, e em seu modelo de autogestão e democracia direta instituídos no dia a dia dos acampamentos, nas assembleias, nas comissões, etc.. Contagiados por esse espírito e pela “Revolução pela liberdade e pela dignidade” na Tunísia, os ativistas convocaram uma grande manifestação para o dia 17 de setembro, dia do aniversário da assinatura da Constituição americana, pelas redes sociais, o hastag #occupywallstreet. “Você está preparado para um momento Tahrir?” escreveu uma das ativistas do movimento em uma chamada para o Occupy.

Um dos elementos primordiais de mobilização coletiva é a emoção, combustível básico do ser humano, quando esse combustível, canalizado em torno das ruas, explode sobre o horizonte de manifestações públicas e de mudança políticas, ele se torna a fagulha que incendeia a relva, o motor de qualquer transformação. Os ativistas haviam aprendido isso com a campanha de Obama, o slogan “Yes, We Can” havia contagiado milhões, e esse aprendizado foi muito bem utilizado pelos manifestantes. Como escreve Rolnik em relação as Jornadas de Junho no Brasil.

A participação, através de sua expressão mais radical, a autogestão, e as novas maneiras e métodos de fazer política tomaram as ruas como forma de expressar revolta, indignação e protesto. Isso não é novo na política. Mas hoje o tema da ocupação – no sentido do controle do espaço, mesmo que por um certo período, e, a partir daí, a ação direta na gestão de seus fluxos – tem forte ressonância no sentimento, que parece generalizado, do alheamento em relação aos processos decisórios na política e da falta de expressão pública de parte significativa da população. Ocupando as ruas, reorganizando os espaços



e reapropriando suas formas, seguindo a linha teórica avançada por David Harvey em seu artigo, aqueles que são alijados do poder de decisão sobre seu destino tomam esse destino com seu próprio corpo, por meio da ação direta (Rolnik, 2013, pp. 15/16).

Havia chegado o momento dos 99% mais pobres se rebelarem com os 1% mais ricos. O Anonymous junto com o Ampedstatus criaram a plataforma 99A convocando para 23 de março de 2011, um Dia de Fúria, seguindo aos apelos no mundo árabe. Os ativistas se uniram em torno da Assembleia Geral da Cidade de Nova York. Militantes do Adbusters convocaram ativistas pelas redes sociais a ocuparem o Zuccotti Park (Liberty Park), em 17 de setembro, iniciara ali o Occupy Wall Street. De um modo geral, os manifestantes eram jovens entre 20 e 40 anos, em sua maioria mulheres, divididos entre anarquistas, liberais e esquerdistas não tradicionais em busca de criarem um espaço de autonomia baseado em uma experiência em tempo real de democracia deliberativa e direta, articulada em torno de um híbrido formado pela redes cibernéticas do ciberespaço e a ocupação do espaço urbano (on-line e off-line). Que se lançaram contra o sistema financeiro e contra a democracia representativa ou parlamentar, que na prática, através dos seus atores parlamentares, há muito tempo encenavam o conluio entre o capitalismo financeiro e a política, que resultou no enriquecimento ilícito e exacerbado de 1% da população mundial em detrimento dos outros 99%.

Como um *top one* no YouTube o movimento se viralizou pelas redes virtuais e telemáticas do ciberespaço e pelas redes físicas da vida na cidade. Em pouco tempo, haviam mais de seiscentas ocupações espalhadas pelos Estados Unidos e cada Grupo no Facebook indicava a existência material de uma ocupação. Essa existência material é o que chamamos de forma material do movimento caracterizada pela ocupação dos espaços públicos, a outra seria a sua forma virtual, formada através da organização nas redes sociais.

Em pouco tempo o Occupy se tornou uma verdadeira comunidade, formada por barracas, bibliotecas, universidade - onde palestrantes eram convidados pelos ativistas para falarem aos acampantes, grupos de assistência médica e equipes jurídicas compostas por voluntários e até visitas turísticas acompanhadas por guias a ocupação, que tinham o intuito de mostrar a realidade e aspirações do movimento. Mas, sem dúvida, o que manteve o movimento, além de serem voltados para uma *economia das qualidades humanas*, que envolve e mobiliza efetivamente a subjetividade dos



indivíduos (LEVY, 2011, p. 44), e para uma *engenharia do laço social*, baseada na gestão das relações humanas que proporciona, dentre outras coisas, a promoção da sociabilidade, o reconhecimento recíproco, as ferramentas de autonomia e criação da diversidade (LÉVY, 2011, p. 43), foi a criação de uma verdadeira *conexão transversal*, “formas de conexões diagonais e de livre negociação, sem passar por representantes” (LÉVY, 2011, p. 74), em um verdadeiro processo de *autocomunicação* pós-midiática.

## 6. SIMILITUDES ENTRE OS MOVIMENTOS

Castells aponta um conjunto de características comuns entre os movimentos sociais que surgiram desde 2007 pelo mundo: *conectados em redes de múltiplas formas*, os movimentos se iniciam nas redes sociais e se agrupam em torno do espaço urbano, seguindo o princípio on-line/off-line, *ocupação do espaço*, praças, símbolos do poder político e do capital, segue na esteira da articulação off-line, através da criação do que Castells chamou de *espaço da autonomia*, a nova forma dos movimentos sociais na sociedade em rede, o que facilita a compreensão dos movimentos enquanto *simultaneidades locais e globais*, ao mesmo tempo particulares e universais através da mediação das redes. *Os movimentos são espontâneos*, nascem de causas não tão relevantes, como os 20 Centavos no Brasil, e criam uma sensação de *temporalidade atemporal* em seus participantes, como se estivessem lançando as bases de algo que está para além da história, para além do presente e do passado, que se *viraliza* nas redes e se transforma de indignação à esperança na realização de seus espaços de autonomia em torno das ocupações pelo mundo inteiro, os esboços fragmentários de uma democracia direta e cosmopolita, sustentada pelo *companherismo*, pelos laços de *solidariedade* que reduzem a necessidade de lideranças formais, sem serem despolitizados, mas políticos em termos de uma nova cultura política caracterizada pela *individação*, baseada nos projetos do próprio indivíduo, e na *autonomia*, onde o indivíduo assume seus próprios interesses e valores, independentes de instituições sociais. Nesse sentido, *os movimentos são voltados para a mudança dos valores da sociedade*, não pelo uso da violência ou por uma revolução armada, mas pela desobediência civil e através do *pacifismo*, da *autoreflexão* constante, para não repetirem os erros dos movimentos sociais do século



XX, que acharam que os fins justificavam os meios, não percebendo que na realidade histórica os meios se transformam nos fins.

## 7. CONCLUSÃO

A maior contribuição dos movimentos sociais na Tunísia, Islândia, Espanha e EUA foi uma retomada da consciência global e local de que uma mudança gerada por nossas próprias atitudes é perfeitamente possível. Se não se consolidaram na prática em algumas partes do mundo, pelo menos serviram de base para a construção de um novo imaginário político, a utopia do século XXI, onde a autonomia pessoal e as relações de solidariedade entre os seres humanos têm mais importância que as instituições e a simples tomada do poder.

## REFERÊNCIAS

CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. 1ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

**Inside Job**. FERGUSON, C. Estados Unidos, Sony Pictures Classics, 2010, AVI.

LÉVY, P. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. 8 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

ROLNIK, R, et al. Apresentação As vozes das ruas: as revoltas de junho e suas interpretações. **Cidades rebeldes**: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. 1ed. São Paulo: Boitempo, 2013.